

## **SOBRE A LEI DA LIBERDADE<sup>1</sup>**

**Friedrich Hölderlin**

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>2</sup>

Existe um estado de natureza da capacidade de imaginação que tem algo em comum com aquela anarquia das representações (organizada pelo entendimento), qual seja, a ausência de lei, mas que deve ser ordenado em atendimento à lei e dela muito bem distinguido.

Por esse estado de natureza da capacidade de imaginação, por essa ausência de lei, entendo a ausência de lei moral, e, por essa, a lei da liberdade.

Lá, a capacidade de imaginação é considerada em si e para si, aqui, em liame com a faculdade de apetição<sup>3</sup>.

Decerto, naquela anarquia das representações, em que a capacidade de imaginação é considerada teoricamente, era possível uma unidade do múltiplo, uma ordem das percepções, mas ao acaso.

Decerto, nesse estado de natureza da fantasia, em que ela é considerada em ligação com a faculdade de apetição, é possível uma conformidade à lei moral, mas ao acaso.

Existe uma dimensão da faculdade de apetição empírica cuja analogia ao que se chama de natureza é o que há de mais sobressaliente, a saber, o local em que a necessidade parece se irmanar à liberdade, o condicionado, ao incondicionado, o sensorial, ao sagrado – uma inocência natural, uma moralidade do instinto, poder-se-ia dizer, e que a fantasia que nele ressoa é celeste.

Entretanto, esse estado de natureza depende enquanto tal outrossim de causas naturais.

Estar destarte arranjado é mera sorte.

---

<sup>1</sup> Texto incompleto, datado de 1794.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

<sup>3</sup> Com a referência à “faculdade de apetição” (*Begehrungsvermögen*, ou *facultas appetitionis*, sua correspondente expressão latina, tal como escreve Kant em *Reflexionen zur Anthropologie*, §1015), Hölderlin parte da noção kantiana de “vontade”, tal como consta na *Crítica da faculdade do juízo*: “A vontade, como faculdade de apetição, é nomeadamente uma de entre muitas causas da natureza no mundo, nomeadamente aquela que actua segundo conceitos e tudo o que é representado como possível (ou como necessário) mediante uma vontade, chama-se de um ponto de vista prático, possível (ou necessário)” (KANT, 1998, p.52).

Não fosse a lei da liberdade, aquela sob a qual a faculdade de apetição está atrelada à fantasia, jamais dar-se-ia um estado firme que viesse a se assemelhar àquele que fora há pouco aludido; ao menos não dependeria de nós conservá-lo. Assim, seu oposto apresentar-se-ia sem que pudéssemos impedi-lo.

Mas a lei da liberdade *impõe* o auxílio da natureza sem nenhum tipo de consideração. É a lei que impõe se a natureza será conducente ou não para com o seu exercício. Ela antes pressupõe uma resistência por parte da natureza, do contrário não *importa*. Na primeira vez em que a lei da liberdade se nos manifesta, ela aparece de modo punitivo. O começo de toda a nossa virtude advém do mal. A moralidade, por conseguinte, não pode de modo algum ser confiada à natureza. Pois mesmo que a moralidade não deixasse de ser moralidade, tão logo os fundamentos de determinação se encontrassem na natureza e não na liberdade, a legalidade, que poderia ter sido produzida através da mera natureza, seria uma coisa sobremaneira incerta, inconstante segundo tempo e circunstâncias. Assim como as causas naturais seriam determinadas de maneira diferente, essa legalidade seria [...]

## **ÜBER DAS GESETZ DER FREIHEIT**

**Friedrich Hölderlin**

Es gibt einen Naturzustand der Einbildungskraft, der mit jener Anarchie der Vorstellungen, die der Verstand organisirte, zwar die Gesetzlosigkeit gemein hat, aber in Rücksicht auf das Gesetz, durch das er geordnet werden soll, von jenem wohl unterschieden werden muß.

Ich meine unter diesem Naturzustande der Einbildungskraft, unter dieser Gesetzlosigkeit die moralische, unter diesem Gesetze, das Gesetz der Freiheit.

Dort wird die Einbildungskraft an und für sich, hier in Verbindung mit dem Begehrungsvermögen betrachtet.

In jener Anarchie der Vorstellungen, wo die Einbildungskraft theoretisch betrachtet wird, war zwar eine Einheit des Mannigfaltigen, Ordnung der Wahrnehmungen möglich, aber zufällig.

In diesem Naturzustande der Phantasie, wo sie in Verbindung mit dem Begehrungsvermögen betrachtet wird, ist zwar moralische Gesetzmäßigkeit möglich, aber zufällig.

Es gibt eine Seite des empirischen Begehrungsvermögens, die Analogie dessen, was Natur heißt, die am auffallendsten ist, wo das Notwendige mit der Freiheit, das Bedingte mit dem Unbedingten, das Sinnliche mit dem Heiligen sich zu verbrüdern scheint, eine natürliche Unschuld, man möchte sagen eine Moralität des Instinkts, und die ihm gleichgestimmte Phantasie ist himmlisch.

Aber dieser Naturzustand hängt als ein solcher auch von Naturursachen ab.

Es ist ein bloßes Glück, so gestimmt zu sein.

Wäre das Gesetz der Freiheit nicht, unter welchem das Begehrungsvermögen zusamt der Phantasie stände, so würde es niemals einen festen Zustand geben, der demjenigen gliche, der so eben angedeutet worden ist, wenigstens würde es nicht von uns abhängen, ihn festzuhalten. Sein Gegenteil würde eben so stattfinden, ohne daß wir es hindern könnten.

Das Gesetz der Freiheit aber gebietet, ohne alle Rücksicht auf die Hülfe der Natur. Die Natur mag zu Ausübung desselben förderlich sein, oder nicht, es gebietet. Vielmehr setzt es einen Widerstand in der Natur voraus, sonst würde es nicht gebieten. Das erstemal, daß das Gesetz der Freiheit sich an uns äußert, erscheint es strafend. Der Anfang aller unsrer Tugend geschieht vom Bösen. Die Moralität kann also niemals der Natur anvertraut werden. Denn wenn die Moralität auch nicht aufhörte, Moralität zu sein, so bald die Bestimmungsgründe in der Natur und nicht in der Freiheit liegen, so wäre doch die Legalität, die durch bloße Natur hervorgebracht werden könnte, ein sehr unsicheres, nach Zeit und Umständen wandelbares Ding. So wie die Naturursachen anders bestimmt würden, würde diese Legalität [...]

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958. (Band 4)

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. António Marques e Valério Rhoden. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

## À PRINCESA AUGUSTA DE HOMBURG<sup>4</sup>

**Friedrich Hölderlin**

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>5</sup>

Em geral, os poetas têm se formado no início ou no fim de um período mundial. Com o canto, os povos se elevam do céu de sua infância à vida ativa, ao país da cultura. Com o canto, eles retornam daí para a vida originária. A arte é a passagem da natureza à formação e da formação à natureza.

O autor.

## AN DIE PRINZESSIN AUGUSTE VON HOMBURG

**Friedrich Hölderlin**

Meist haben sich Dichter zu Anfang, oder zu Ende einer Weltperiode gebildet. Mit Gesang steigen die Völker aus dem Himmel ihrer Kindheit ins tätige Leben, ins Land der Kultur. Mit Gesang kehren sie von da zurück ins ursprüngliche Leben. Die Kunst ist der Übergang aus der Natur zur Bildung, und aus der Bildung zur Natur.

Der Verfasser.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958. (Band 3)

---

<sup>4</sup> Segundo o editor da obra completa do autor, Friedrich Beissner, Hölderlin teria sido aconselhado pelo seu amigo Isaac von Sinclair a escrever uma dedicatória à princesa de Homburg, cidade à qual acabara de chegar, anexada ao segundo tomo de seu romance de formação (*Bildungsroman*) *Hipérion ou o Eremita na Grécia*, por volta de 1798-9. O entorno do texto pode ser articulado junto com os textos *O mais antigo programa-sistema do idealismo alemão* (cf. minha tradução no vol. 34 da revista *Ítaca*) e *O ponto de vista a partir do qual temos de enxergar a Antiguidade* (cf. minha tradução no vol.07 nº14 da revista *Pólemos*).

<sup>5</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

**RAÍZ DE TODO MAL<sup>6</sup>****Friedrich Hölderlin**Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>7</sup>

Ser unido é divino e bom; de onde é que vem o vício entre os homens de ser apenas um e uma coisa apenas?

**WURZEL ALLES ÜBELS****Friedrich Hölderlin**

Einig zu sein, ist göttlich und gut; woher ist die Sucht denn unter den Menschen, daß nur Einer und Eines nur sei?

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958. (Band 1)

---

<sup>6</sup> Epigrama escrito entre 1798-1800. O texto evoca a tensão que perpassa a unidade mediante a noção de união, na qual o originário não se dispõe nem mediante uma cisão nem mediante uma diluição entre singular (*Einer*) e universal (*Eines*). Cf. minha tradução do prefácio de *Penúltima Versão (do Hipérion)* (Revista *Húmus* vol.9 n.26), em que é tratado o tema da união (*Einigkeit*).

<sup>7</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.

**QUE O HOMEM NO MUNDO...<sup>8</sup>****Friedrich Hölderlin**Tradução de André Felipe Gonçalves Correia<sup>9</sup>

Que o homem no mundo tenha uma validez moral mais elevada é reconhecível pelas reivindicações da moralidade e visível a partir de muitas coisas.

**DASS DER MENSCH IN DER WELT...****Friedrich Hölderlin**

Daß der Mensch in der Welt eine höhere moralische Geltenheit hat, ist durch Behauptenheiten der Moralität anerkennbar und aus vielem sichtbar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958. (Band 4)

---

<sup>8</sup> A sentença nos foi transmitida em 1846 por Christoph Theodor Schwab, autor da primeira biografia sobre Hölderlin e primeiro editor de suas obras completas.

<sup>9</sup> Doutorando em Filosofia pela UFRJ (felgorreia@hotmail.com). Bolsista CNPq.